

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera. Já chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varela

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Maurício Dinepi

Tecnologia sob risco

Os ministérios militares — a Aeronáutica, em particular — estão muito preocupados com os cortes em seus orçamentos para 1990, já tão podados na Seplan antes do envio à apreciação do Congresso Nacional. O brigadeiro Moreira Lima e oficiais-generais da FAB estiveram, repetidas vezes, nas Comissões do Congresso, prestando todas as informações sobre os projetos em andamento na Pasta, além de terem sido organizadas caravanas de parlamentares, de todos os partidos e de todas as tendências, para visitas às obras que se realizam. Tradicionalmente, o Ministério da Aeronáutica aplica, em função das necessidades do País, a maior parte de seus recursos na infra-estrutura aeronáutica, aí incluída a proteção ao voo e aos aeroportos, além da ciência e tecnologia. A Força Aérea Brasileira tem sido destinado um percentual de apenas trinta por cento das verbas totais.

O Brasil possui uma indústria aeronáutica competitiva, moderna, e asas brasileiras cruzam os céus de todos os continentes. Já deu passos altamente significativos na conquista do espaço e se destaca, nesse campo, na comunidade internacional. No cumprimento de sua missão constitucional, o Ministério da Aeronáutica tem procurado fortalecer o Poder Aeroespacial nos seus múltiplos segmentos, visando a assegurar a capacidade de “pronta-resposta”, em caso

de necessidade. A FAB dispõe de aproximadamente oitocentas aeronaves das mais diversas categorias, de acordo com as exigências da defesa e do desenvolvimento nacionais. E dá um passo muito importante na busca da tecnologia avançada com o programa de construção do AMX, caça tático de última geração que, além de representar um poderoso instrumento para a Força Aérea, tem proporcionado significativa parcela de nacionalização da aviação brasileira de combate e permitido substancial absorção de tecnologia de ponta, o que é impagável e traz nítidos e positivos reflexos ao parque industrial do País, criando empregos nobres para o técnico brasileiro.

Vale ressaltar que o corte de verbas orçamentárias significaria perder o “bonde da história”, jogando fora tecnologia praticamente irrecuperável, o que também acontecerá se a falta de recursos atingir as pesquisas que se realizam no Centro Técnico Aeroespacial, ou os trabalhos do Projeto Siscea, que representa eficiência e segurança para o controle do espaço aéreo brasileiro. O próprio ministro Moreira Lima reconhece que há necessidade de cortes no Orçamento da União, mas, como toda a Nação, é difícil compreender que tais cortes representem, ao final, perdas de conquistas, principalmente na área técnica e científica, que nunca mais serão recuperadas.